

QUINTA-FEIRA • 21 DE JANEIRO DE 2016

Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 30923
de 21 de Janeiro de 2016, do jornal Diário do Minho,
não podendo ser vendido separadamente.

IGREJA^{VIV}

REPORTAGEM

OS “ECOS” DO SENHOR

VIAGEM AO ARQUIVO DIOCESANO

— P. 4-5 —

UM NOVO MODELO DE UNIDADE

PABLO LIMA

PADRE

***Versão integral disponível em www.arquidiocese-braga.pt**

Se olharmos objectivamente para o tecido da Igreja (no sentido amplo e não confessional), o caminho da unidade percorrido nos últimos cinquenta anos (desde a conclusão do concílio Vaticano II) é admirável e encorajador. O chamado “cisma cristológico” iniciado após o concílio de Calcedónia em 451 d.C. foi sarado pelas declarações conjuntas da maior parte das Igrejas históricas (Católica, Copta, Siríaca, várias Igrejas protestantes e reformadas, etc.). A mútua excomunhão de 1054 d.C. entre a Igreja Católica e a Igreja Ortodoxa foi cancelada em 1965 por Paulo VI e Atenágoras. O conflito doutrinal sobre a doutrina da justificação suscitado em 1507 entre a Igreja Católica e Lutero (e as Igrejas de tradição luterana) foi superado em 1998. Temos de reconhecer que foi feito muito mais nos do que nos mil e quinhentos anos anteriores.

Hoje os conflitos internos das diversas igrejas são os que mais obstaculizam o caminho da unidade. As questões da autocefalia e da criação de dioceses em territórios “alheios” são espinhosas na Ortodoxia. No mundo protestante, reformado e anglicano, as questões de moral sexual e a bênção litúrgica

numérica discreta (ainda que em crescimento nas últimas décadas) das igrejas protestantes e ortodoxas, o caminho ecuménico e as relações entre as igrejas são serenas. Há várias décadas que se celebra o Oitavário da Unidade e, há já 17anos, celebra-se o Fórum Ecuménico Jovem que é,



de casais homossexuais continuam a criar novas fragmentações. Dentro da Igreja Católica, a resistência ao programa de “reforma” instaurado pelo Papa Francisco e as diferenças de sensibilidade entre “tradicionalistas” e “modernos” não é menos preocupante. Em Portugal, devido a uma presença

certamente, o evento ecuménico mais relevante no país, por iniciativa dos jovens e animadores das diversas Igrejas. Recorde-se ainda que, há dois anos (25 de Janeiro de 2014), foi firmado o mútuo reconhecimento do baptismo entre as Igrejas Católica, Lusitana, Presbiteriana

e Metodista. Talvez, atendendo à teologia católica do sacramento do matrimónio, Portugal poderia arriscar agora, em modo inédito e exemplar, a um reconhecimento mútuo do matrimónio? É apenas uma provocação teológica, eclesiológica e pastoral...

O Papa Francisco propôs como metáfora da unidade a figura do “poliedro” e não mais o puzzle (EG 236 e Visita à comunidade pentecostal de Caserta, Itália, em 28 de Julho de 2014). Não se trata de estar lado a lado, mas de saber que somos faces diversas de um único Corpo de Cristo. O Papa insiste ainda no facto de que o “ecumenismo do sangue” tem muito a ensinar-nos: quando os cristãos no Médio Oriente são assassinados por causa da sua fé, não lhes perguntam: “a que igreja pertences?”. São mortos por causa de um único nome: “cristãos”. E já hoje o sangue de católicos, ortodoxos e protestantes se mistura na hora da morte. O comum baptismo “branco” da água lustral que ainda hoje é impossível torna-se realidade no baptismo “vermelho” de tantos nossos irmãos.

Na verdade, enquanto o diálogo teológico avança, nós, os cristãos, deveríamos ser conscientes do facto de que, na verdade, já estamos unidos, mas ainda não vivemos como tal.



PAPA FRANCISCO
@pontifex_pt

19 Janeiro 2016

O Evangelho convida-nos a ser o “próximo” dos pobres e abandonados, para lhes dar uma esperança concreta.

15 Janeiro 2016

Cada comunidade cristã deve ser um oásis de amor e afecto no deserto da solidão e da indiferença.

D. JORGE ORTIGA
@djorgeortiga

12 Janeiro 2016

A Palavra de Deus é viva e eficaz. Provoca-nos, desinstala-nos, põe a nu o que nos divide e desintegra e... cura-nos.



PAPA FRANCISCO VISITA SINAGOGA DE ROMA NO PRÓXIMO DOMINGO

O Papa Francisco vai visitar a Sinagoga de Roma no próximo Domingo. A iniciativa acontece no dia do Judaísmo, instituído pela Conferência Episcopal italiana. Depois de João Paulo II e de Bento XVI, Francisco é o terceiro Papa a visitar a sinagoga. O Rabino-chefe da comunidade judaica de Roma, Riccardo Di Segni, descreve o acontecimento como um “momento de grande expectativa e de homenagens”. Segundo o Di Segni, o momento histórico vai passar uma mensagem de “riqueza para a sociedade”.



FUNDAÇÃO “JOSEPH RATZINGER - BENTO XVI” JÁ NO FACEBOOK

O Papa Emérito Bento XVI chegou há pouco ao Facebook, através da Fundação Joseph Ratzinger-Bento XVI. De acordo com a Rádio Vaticano, a página da instituição na rede social foi inaugurada no dia 14 de Janeiro e pretende divulgar o magistério do Papa emérito. Segundo a emissora pontifícia, a ideia partiu do presidente da fundação, o padre Giuseppe Antonio Scotti, que procura manter um contacto mais próximo entre todos os que apreciam o trabalho de Joseph Ratzinger na Igreja.



FUNDAÇÃO AIS: “COMIDA É A ARMA MAIS MORTAL NA SÍRIA”

O coordenador internacional para os projectos no Médio Oriente da Fundação Ajuda à Igreja que Sofre (AIS), padre Andrzej Halemba, afirmou que a comida se tornou na “arma mais mortal” na guerra civil da Síria. Segundo o responsável, “as forças governamentais e os rebeldes” estão a bloquear a entrega da “ajuda humanitária para fortalecer comunidades inteiras” a submeterem-se ao seu domínio. Halemba afirmou ainda que haverá cerca de 350 mil pessoas na Síria que perderam a vida por falta de medicamentos ou outros bens essenciais.

BARBIE, KEN... E UMA CERTA “MISERICÓRDIA”

JORGE VILAÇA

PADRE | COORDENADOR DA PASTORAL DA SAÚDE

*“Debaixo da roupa,
estamos todos nus”*

José Luís Peixoto

1. “Parece uma Barbie!” Já escutaram esta expressão? Imagino que sim e por razões pouco simpáticas. Mas vamos à origem: Barbie e Ken são dois brinquedos com mais de 50 anos de “vida” comercial, namorados entre si, servindo de modelos estéticos (éticos?) ora de raparigas ora de rapazes, conforme o modelo. Bonecos perfeitos. Sem ponta de mancha ou de ruga, representativos de supostos padrões de beleza e perfeição. Vêm eles hoje a propósito de modelos de santidade e, mais concretamente, de figurações de “bondade” e de “misericórdia”. São tão de cera os nossos santos! Relembro um *cartoon* em que aparece Nossa Senhora elevada sobre um alto pilar, tentando descer, e Jesus no chão a tentar alcançá-la. Pergunta Jesus, estupefacto

de acções que foram aprendidas na catequese infantil, significando o leque das boas acções. Tenho sérias dúvidas, contudo, que seja associada ao que o Papa Francisco tem vindo – e muito bem – a escrever, a falar e a exemplificar. Tenho algumas dúvidas que reconheçam essa mesma misericórdia quando ele corrige os que erram ou quando diz que o “diabo não é um mito”.

3. Misericórdia não significa abstenção passiva. Não se é mais misericordioso por suportar indefinidamente a violência doméstica, ainda que sob pretextos entendíveis. Não se é mais misericordioso por ficar sempre calado quando alguém nos anula a palavra, a dignidade ou a saúde. Não se é mais misericordioso por dizer sempre que sim, por nunca se opor, por dar esmolas a todos os que batem à porta. Não se é mais misericordioso por permitir que uma pessoa doente manipule obsessivamente toda a família ou por consentir que uma criança responda sem educação avós ou aos pais. Não se é mais misericordioso por concordar sempre com o chefe, por elogiar o colega sem carácter, por ser incapaz de reservar



e esforçado, a Maria: “Mãe, porque te puseram assim tão alto?”. É tão de cera um certo entendimento da misericórdia e da bondade! De fazer inveja à Barbie e ao Ken (talvez por isso se tenham divorciado ultimamente).

2. Misericórdia. A palavra do ano, para a Igreja católica. A propósito e a despropósito se fala(rá) dela. Seria interessante inquirir os cristãos sobre o modo como entendem esta palavra, como a vivem, como a figurariam. Imagino que teríamos respostas bem originais. Por um lado, a palavra está fora de moda; por outro, significa hoje uma certa moleza de carácter, de bondade travestida; finalmente, é associada – e bem – a um conjunto

tempo para si próprio. A misericórdia, entendida cristãmente, não se assemelha nunca à falta de carácter, à bondade travestida ou à moleza das convicções. É exactamente no sentido contrário: é a expressão máxima da liberdade e do amor pelos outros e por nós mesmos. Não tenho dúvidas que, por misericórdia, Jesus encabeçaria hoje muitas manifestações de rua.

4. Misericórdia é decisão e esforço por uma bondade genuína, ao estilo de Jesus, e ao mesmo tempo a inteligência colocado ao seu serviço. Misericórdia é Jesus. Não aconteça que, entre nós, as “boas pessoas” sigam para o céu só porque viveram aqui no inferno.

À ESCUTA DA FAMÍLIA



ENZO BIANCHI

PRIOR DO MOSTEIRO DE BOSE



O anúncio do matrimónio cristão é claro e exigente porque, na relação entre homem e mulher que vivem uma história de amor que estão ligados na aliança da palavra dada, está representada a aliança fiel entre Deus e o seu povo; mas é preciso manter viva a consciência de que nós nunca somos capazes de manifestar plenamente a fé de Deus, que é fiel mesmo que o seu povo seja sempre infiel.

Nós, cristãos, devemos comunicar essa mensagem exigente pondo-nos de joelhos e dizendo, humildemente, que é uma palavra do Senhor, não nossa, uma palavra que anunciamos sem presunção nem arrogância, sabendo que viver o matrimónio na fidelidade e no amor renovado é uma obra árdua, difícil, fatigante, impossível sem a ajuda da graça de Deus e, em todo o caso, nunca vivida plenamente, mas sempre contrariada por misérias, fraquezas e por aquele egoísmo que nos habita até à morte. (...)

Esse anúncio evangélico certamente não pode ser mudado pela Igreja, embora escandalize não só o mundo, mas também os próprios cristãos, como demonstra a reacção dos discípulos às palavras de Jesus: “Se a situação do homem com a mulher é assim, então é melhor não se casar” (*Mt 19, 10*).

Mas, diante dessa clara vontade de Jesus, a Igreja, justamente ao anunciá-la em verdade, sem mudar a doutrina, deve ter a coragem de expressá-la com

palavras novas, compreendendo sempre melhor tal anúncio.

Como afirmava o Papa João XXIII, referindo-se à tarefa que aguardava pelo Concílio: “Não é o Evangelho que muda. Somos nós que começamos a compreendê-lo melhor” (24 de Maio de 1963).

Por isso, na convicção de que a forma e a identidade da família, muito diversificada nas diversas sociedades e culturas, mudada várias vezes ao longo dos séculos, no nosso Ocidente, conheceu profundas e rápidas mudanças nas últimas décadas, hoje, nós, Igreja, devemos pôr-nos à escuta das famílias ou, melhor, dos homens e das mulheres do nosso tempo, que vivem a história do matrimónio de um modo novo em relação ao passado.

A Igreja deve olhar para a face dos homens e das mulheres de hoje, para as suas fragilidades e fraquezas, e não só para o seu desejo de família, como dizem várias vezes os documentos sinodais, mas também para os medos e as incertezas que dizem respeito à família. Só a partir de uma escuta atenta, amorosa, não tendenciosa e não presunçosa do actual esforço para construir e viver a família é que poderá nascer um olhar sobre ela e sobre as suas vicissitudes, marcado pela alegre bem-aventurança, mas às vezes também por sofrimento e morte.

Não se esqueçam, além disso, que o juízo sobre a realidade matrimonial é representado pelas palavras radicais de Jesus: “Todo aquele que olha para uma mulher e deseja possuí-la, já cometeu adultério com ela no coração” (*Mt 5, 28*). São palavras que se dirigem a todos: quem não cometeu esse pecado?

Nas histórias de amor, o caminho é acidentado, e também para os fiéis pode acontecer a contradição da aliança nupcial. Também pode acontecer a separação, que às vezes até se impõe e certamente não é um pecado nem uma culpa, como o Papa Francisco recordou recentemente.

Sim, muitos cristãos encontram-se hoje nessa situação de dilaceração, e a sua presença deve interrogar toda a Igreja.

**Do posfácio de
“La famiglia tra sfide e prospettive”.
Tradução de Moisés Sbardelotto / DACS*

OS “ECOS” DO SENHOR

O Arquivo Diocesano através dos tempos

TEXTO: FLÁVIA BARBOSA

PASSADO: PORQUÊ E PARA QUEM?

Não é incomum ouvir comentários que afirmam que os arquivos (eclesiásticos ou não) são um desperdício de tempo, dinheiro e recursos. Não dão lucro, pelo menos não tangível ou mensurável em termos económicos.

Há quem sustente esta ideia argumentando que vivemos no presente e planeamos o futuro. Se assim é, porque insistimos em manter o passado vivo?

Em primeiro lugar, somos obrigados a isso. O Código de Direito Canónico (CIC) assim o ordena: “§ 1. Todos os documentos respeitantes à diocese ou às paróquias, devem ser guardados com o maior cuidado. § 2. Instale-se em cada cúria, em lugar seguro, o arquivo ou cartório diocesano, onde se guardem, dispostos na ordem devida e diligentemente fechados, os documentos e escrituras relativos aos assuntos diocesanos não só espirituais mas também temporais. § 3. Dos documentos que se encontram no arquivo faça-se um inventário ou catálogo com um breve resumo de cada um” (Cân. 486). Para percebermos as origens das normas reguladoras dos arquivos da Igreja teríamos que viajar até ao Concílio de Trento (1545-1565), considerado o verdadeiro ponto de partida das normas canónicas que orientam os arquivos eclesiásticos. Mesmo não tendo tratado directamente dos arquivos ou da sua regulamentação jurídica, em algumas das suas disposições disciplinares já é possível perceber normas que podem ser consideradas a carta fundacional destes arquivos.

Mas não é apenas por “obrigação” que os arquivos são preservados, há também razões históricas e culturais que se impõem. A correcta utilização destes bens como fonte de material permite documentar e preservar o carácter e a identidade de indivíduos ou organizações, o que nos leva a também a motivações de ordem prática. Igrejas, paróquias, congregações, movimentos e demais instituições religiosas não têm parte do seu funcionamento comum a qualquer organização? Sem arquivos ou registos não há como planear o futuro sem correr o risco de cometer os mesmos erros, não há conhecimento científico registado ou uma inventariação que previna abusos ou atropelos para com os bens patrimoniais. Assim como um indivíduo sem memória é “incompleto”, também uma organização o será, mais que não seja porque está “condenada a repetir o passado” (George Santanaya).

Ao longo dos séculos, estas normas foram sendo complementadas e cimentadas. A importância dos Arquivos foi crescendo cada vez mais. O Papa João XXIII, através do *Motu proprio “La sollecitudine pastorale”* (que conferiu os Estatutos à Pontifícia Comissão para os Arquivos Eclesiásticos Italianos, em 1960) afirmou: “Os arquivos eclesiásticos constituem, apesar de perdas lamentáveis, um património de valor inestimável. Tanto os preciosos depósitos de documentos antigos, como os papéis dos arquivos modernos constituem o testemunho da obra e da vida da Igreja, formando no seu conjunto uma documentação única, essencial e insubstituível, destinada antes de mais nada a servir a Igreja.”

Mais tarde, em 1997, a Comissão Pontifícia para os Bens Culturais da Igreja descreveu os arquivos como “lugares da memória das comunidades cristãs e factores de cultura para a nova evangelização”, podendo estes “tornar-se instrumentos úteis para uma esclarecida acção pastoral” (Carta Circular “A Função Pastoral dos Arquivos da Igreja”).

PRESENTE: ARQUIVO NÃO É DEPÓSITO

O Arquivo Diocesano, situado na Faculdade de Teologia, é constituído por um amplo conjunto de documentos organizados e tratados de forma a poderem ser alvo de consulta.

A instituição não se encontra aberta ao público em geral – havendo, no entanto, a possibilidade de manuseamento de alguns documentos por parte de estudantes ou investigadores – mas está previsto que esse passo seja dado em breve.

“O Arquivo não é apenas um depósito de papéis, pretende sobretudo preservar a nossa história. E nada melhor do que os documentos para isso.

Penso que a melhor forma de estudar e saber a nossa história é mesmo através deles”, explica o padre Miguel Teixeira, Director do Arquivo.

São mais de cem anos de história e memórias guardados e distribuídos por várias salas, muitas estantes e ainda mais prateleiras.

A maioria da documentação existente é posterior a 1911. “Não há grandes coisas anteriores a esse ano. Com a Implantação da República, em 1910, e a Lei da Separação do Estado e da Igreja, perdemos vários documentos”, afirma.

As mudanças da altura – que desencadearam aquilo que Miguel de Oliveira, em *“Espoliação e Perseguição da Igreja na República”*, descreveu como uma “perseguição legal” que culminou com “arrolamento de bens” – fez com que muitos arquivos, monumentos e outros bens patrimoniais passassem para as mãos do Estado. Só depois da Concordata de 1940 é que a situação começou a ser regularizada, com o regresso de alguns



PE. MIGUEL TEIXEIRA

valores à Igreja. Ainda assim, explica o padre Miguel, os arquivos foram dos bens mais "afectados": o espólio eclesiástico bracarense dessa altura continua no Arquivo Distrital de Braga.

O Arquivo Diocesano pode parecer um local soturno à primeira vista. A iluminação não é muita, as várias janelas encontram-se tapadas, as salas são frias. Nem poderia ser de outra forma: a sensibilidade dos arquivos exige que estes sejam protegidos de luzes intensas e de variações de temperatura. Neste momento, apenas o calor humano de quatro pessoas ajuda a aquecer os corredores. Há três funcionários que se dedicam à limpeza e tratamento de toda a documentação para que num futuro próximo a mesma possa ser alvo da fruição do público. Daniel Costa, Ana Ferreira e Jorge Silva são os três responsáveis que, minuciosamente, página a página, se dedicam a organizar, tratar, limpar, catalogar e inventariar todos os documentos das instalações. Em tempos idos, houve mais pessoas aos serviço da instituição. "O Arquivo Diocesano não é uma instituição criada para dar lucro. Ao invés disso, dá despesa, mas é uma despesa necessária. O lucro é imensurável. Quem não preserva o que é seu – a sua história! –, acaba por se perder no futuro. Se formos demasiado progressistas acabamos por perder a nossa essência. Preservar o arquivo é evangelizar também; a Igreja não é só revelação, não é só a Bíblia, mas é tradição também", sublinha o Director. Apesar do frio e da escuridão, há vida a pulular em cada uma das salas. Nascimentos, baptismos, matrimónios, falecimentos. Alguns dos acontecimentos mais importantes da vida de milhares de paroquianos e fiéis concentram-se em páginas mais ou menos envelhecidas, com letra miúda, manuscrita ou impressa. As suas histórias e memórias mantêm-se vivas no Arquivo Diocesano.

FUTURO: PRESERVAR PARA USUFRUIR

Depois da fase de "limpeza", virá a fase da informatização, que permitirá a salvaguarda da maior parte dos arquivos em suporte mais seguro. Há cerca de 145 mil documentos já organizados informaticamente: todos os processos matrimoniais até 1957 e todos os processos administrativos da Cúria até ao ano de 2007.

Num futuro que o padre Miguel espera não ser muito longínquo, haverá obras. O Arquivo será ampliado, limpo, reforçado.

"Por vontade do Sr. Arcebispo, D. Jorge Ortega, pretendemos que este seja um arquivo histórico diocesano, verdadeiramente diocesano. Não só porque comporta toda a documentação da Cúria que diz respeito à diocese, mas porque um dia também poderá comportar a documentação que nas paróquias pode não ter o melhor tratamento ou condições de preservação. Este poderá ser um grande meio de salvaguarda desses documentos. Há documentos antiquíssimos nas paróquias, alguns do século XI, XII", explica. "Esses documentos são verdadeiros tesouros", conclui, sem esconder o encantamento pelos documentos antigos. Paredes tratadas, obras no telhado, mais estantes, ainda mais prateleiras. Condições de segurança máximas, pensadas ao detalhe, para prevenir acidentes – como incêndios ou inundações – que possam pôr em causa a integridade dos Arquivos, como já aconteceu em outros tempos. Só depois destes requisitos todos reunidos é que o Arquivo Diocesano poderá abrir ao público.

Questionado sobre a sensibilização das pessoas no que toca à importância da arquivística, o padre Miguel afirma que a maioria delas ainda não está consciencializada sobre a matéria. Que fazer para mudar essa mentalidade?

"Não sei ao certo o que podemos fazer, mas penso que a educação poderá ter aqui um papel fundamental. Não falo só das escolas ou das aulas de História, mas também de actividades pedagógicas como visitas de estudo. Não é pelas campanhas publicitárias que vamos lá! É necessário formar consciências, demonstrar a importância do saber. Importa perceber de onde vimos, conhecer aquilo que está na própria raiz da nossa construção histórica. Só a partir daí poderemos realmente perceber para onde caminhamos", conclui.

"É Cristo que opera no tempo e que escreve, Ele mesmo, a sua história, de tal modo que os nossos pedaços de papel são ecos e vestígios desta passagem do Senhor Jesus no mundo. Venerar estes papéis, os documentos, os arquivos, quer dizer reflexivamente, ter o culto de Cristo, ter o sentido da Igreja, dar-nos a nós mesmos, e dar a quem vier a história da passagem desta fase do transitus Domini no mundo". A afirmação foi proferida pelo Papa Paulo VI, em 1963, mas não não poderia ser mais actual.

“TODOS SE ADMIRAVAM DAS PALAVRAS CHEIAS DE GRAÇA”

IV DOMINGO
COMUM C



ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES

SUGESTÃO DE CÂNTICOS

- **ENTRADA:** *Fiz de ti a luz das nações*, C. Silva (Orar Cantando, p. 124).
- **COMUNHÃO:** *Bendito Deus nosso Pai*, Az. Oliveira (NRMS 115 / XXVII ENPL, p. 22-23)
- **PÓS-COM.:** *Hino do Ano da Misericórdia*
- **FINAL:** *Deus é Pai, Deus é Amor*, F. Silva (NRMS 90-91 / IC, p. 425)

EUCOLOGIA

Orações próprias do Domingo IV do Tempo Comum (*Missal Romano*, p. 398).
Oração Eucarística V/B com prefácio próprio (*Missal Romano*, p. 1163ss).

LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Jer 1, 4-5.17-19

Leitura do Livro de Jeremias

No tempo de Josias, rei de Judá, a palavra do Senhor foi-me dirigida nestes termos: “Antes de te formar no ventre materno, Eu te escolhi; antes que saíesses do seio de tua mãe, Eu te consagrei e te constituí profeta entre as nações. Cinge os teus rins e levanta-te, para ires dizer tudo o que Eu te ordenar. Não temas diante deles, senão serei Eu que te farei temer a sua presença. Hoje mesmo faço de ti uma cidade fortificada, uma coluna de ferro e uma muralha de bronze, diante de todo este país, dos reis de Judá e dos seus chefes, diante dos sacerdotes e do povo da terra. Eles combaterão contra ti, mas não poderão vencer-te, porque Eu estou contigo para te salvar”.

SALMO RESPONSORIAL Salmo 70 (71)

Refrão: A minha boca proclamará a vossa salvação.

LEITURA II 1 Cor 13, 4-13

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Coríntios

Irmãos: A caridade é paciente, a caridade é benigna; não é invejosa, não é altiva nem

orgulhosa; não é inconveniente, não procura o próprio interesse; não se irrita, não guarda ressentimento; não se alegra com a injustiça, mas alegra-se com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O dom da profecia acabará, o dom das línguas há-de cessar, a ciência desaparecerá; mas a caridade não acaba nunca. De maneira imperfeita conhecemos, de maneira imperfeita profetizamos. Mas quando vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá. Quando eu era criança, falava como criança, sentia como criança e pensava como criança. Mas quando me fiz homem, deixei o que era infantil. No presente, nós vemos como num espelho e de maneira confusa; então, veremos face a face. No presente, conheço de maneira imperfeita; então, conhecerei como sou conhecido. Agora permanecem estas três coisas: a fé, a esperança e a caridade; mas a maior de todas é a caridade.

EVANGELHO Lc 4, 21-30

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo, Jesus começou a falar na sinagoga de Nazaré, dizendo: “Cumpru-se hoje

mesmo esta passagem da Escritura que acabais de ouvir”. Todos davam testemunho em seu favor e se admiravam das palavras cheias de graça que saíam da sua boca. E perguntavam: “Não é este o filho de José?”. Jesus disse-lhes: “Por certo Me citareis o ditado: ‘Médico, cura-te a ti mesmo’. Faz também aqui na tua terra o que ouvimos dizer que fizeste em Cafarnaum”. E acrescentou: “Em verdade vos digo: Nenhum profeta é bem recebido na sua terra. Em verdade vos digo que havia em Israel muitas viúvas no tempo do profeta Elias, quando o céu se fechou durante três anos e seis meses e houve uma grande fome em toda a terra; contudo, Elias não foi enviado a nenhuma delas, mas a uma viúva de Sarepta, na região da Sidónia. Havia em Israel muitos leprosos no tempo do profeta Eliseu; contudo, nenhum deles foi curado, mas apenas o sírio Naamã”. Ao ouvirem estas palavras, todos ficaram furiosos na sinagoga. Levantaram-se, expulsaram Jesus da cidade e levaram-n’O até ao cimo da colina sobre a qual a cidade estava edificada, a fim de O precipitarem dali abaixo. Mas Jesus, passando pelo meio deles, seguiu o seu caminho.



ANO C — 2016

QUARTO DOMINGO

EU ESTOU CONTIGO PARA TE SALVAR

www.laboratoriodafe.net

ITINERÁRIO

FISIONOMIA DO DISCÍPULO MISSIONÁRIO

Discipulado.

CARACTERÍSTICA

Assumir a capacidade de meditar e de se admirar com a novidade da proposta de Jesus.

CONCRETIZAÇÃO: O “discípulo missionário” é seguidor de um Mestre que surpreende e faz admirar com a novidade da Sua Palavra. Por isso, esta semana, como forma de expressar esta proximidade na escuta e na contemplação alegre e cheia de esperança, sugerimos que se coloque apenas a imagem do rosto de Cristo, envolvida por flores brancas e voltada de frente.

MISSÃO

Todas as manhãs, ao levantar, depois de fazermos o sinal da cruz, como forma de assumir a presença e a acção de Jesus Cristo, deixemos que em nós ressoe a frase: “admiravam-se das palavras cheias de graça que saíam da sua boca”.

REFLEXÃO

Deus é amor. Deus ama todos os seres humanos. E desde sempre quis precisar dos humanos para revelar as maravilhas do seu amor. Escolheu profetas para falar em seu nome. Entre eles, Jeremias (primeira leitura), escolhido antes do nascimento para ser porta-voz de Deus. Sozinho não seria capaz, mas Deus diz-lhe: “Eu estou contigo para te salvar”. O profeta conhece, no seu tempo, a hostilidade que também será vivida por Jesus Cristo (evangelho). A Palavra nem sempre é aceite, mesmo sendo uma palavra de amor (segunda leitura), reveladora da salvação (salmo). E nós, como a acolhemos?

“Eu estou contigo para te salvar”

Os livros proféticos costumam apresentar uma descrição da vocação daquele que é chamado a ser porta-voz de Deus. O caso de Jeremias é singular. Trata-se de um homem retraído, que sofre horivelmente por causa da tarefa que lhe foi incumbida. Alguns versículos do texto proposto para primeira leitura do quarto Domingo (Ano C) dão conta do sofrimento e da recusa suportados pelo profeta Jeremias, e também dos insultos infligidos por causa da sua missão profética. Apesar disso, Deus assegura-lhe presença e protecção: “Eu estou contigo para te salvar”. A fortaleza vem de Deus e não do profeta. As imagens são explícitas e reforçam as razões desta protecção divina para resistir contra os ataques dos inimigos: “faço de ti uma cidade fortificada, uma coluna de ferro e uma muralha de bronze”. O início do texto situa a vocação de Jeremias “no tempo de Josias, rei de Judá”.

Deus fala em momentos precisos da história do povo: é uma palavra histórica. Antes do nascimento, Deus já tinha escolhido Jeremias para a missão profética. Esta afirmação tem de ser entendida na perspectiva do próprio profeta que assim percebe a sua missão, não como uma decisão estritamente pessoal, mas como uma resposta ao chamamento divino. Há pessoas que entendem as suas opções como expressão máxima da verdadeira liberdade, sem qualquer tipo de influência. Outros, entre os quais os crentes, entendem a vida como uma missão recebido do Espírito de Deus para o serviço aos outros. Assim dão sentido à própria vida, também ela um dom de Deus.

Os desígnios de Deus para a vida humana (amor e misericórdia, em especial) são um desafio para qualquer pessoa, independentemente das escolhas concretas. Jeremias, a quem tudo isto se lhe tornou evidente ao longo da vida, dá-se conta da intimidade da palavra de Deus: a vocação profética consistiu na aceitação — como ideal e força que dá pleno sentido à vida — da vontade divina. A situação vivida pelo profeta Jeremias, num paralelismo revelador da vida de Jesus Cristo, apresenta a figura do que vai suceder em Nazaré: anúncio da verdade de Deus ainda que seja contra a maioria, o que acontece quando esta defende interesses particulares e redutores. A missão ultrapassa todo e qualquer limite, seja geográfico ou existencial. “Neste Ano Santo, poderemos fazer a experiência de abrir o coração àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais” (MV 14).

Reflexão preparada por Laboratório da Fé | in www.laboratoriodafe.net

ELEMENTOS CELEBRATIVOS A DESTACAR

Preparação penitencial

Fórmula B : Tende compaixão de nós, Senhor (*Missal Romano*, p. 442.443) – Se possível cantado.

ORAÇÃO UNIVERSAL

Caríssimos irmãos e irmãs: com fé e confiança na bondade do Senhor, façamos subir até Ele as nossas súplicas pelo bem da Santa Igreja e de toda a humanidade, dizendo (ou: cantando), com alegria:

R. Ouvi, Senhor, a nossa oração.

1. Para que os fiéis e os catecúmenos da Igreja sejam solidários com as pessoas que mais sofrem e as ajudem nas suas carências e tristezas, oremos.
2. Para que os ministros do Evangelho e todos os cristãos perseguidos por causa da fé sintam que Deus está com eles e lhes dá força, oremos.
3. Para que a nossa Arquidiocese de Braga continue a procurar promover e viver a verdade do espírito da missão, oremos.
4. Para que os povos ainda não evangelizados possam ouvir o anúncio da Palavra e glorifiquem connosco a Jesus Cristo, oremos.
5. Para que os esposos separados pela discórdia voltem a descobrir o sentido cristão da vida e a misericórdia do nosso Pai, que está nos Céus, oremos.
6. Para que todos nós aqui reunidos na casa de Deus, reconhecendo as graças que o Senhor nos dá, cresçamos cada vez mais na verdade do amor, oremos.

Fazei-nos experimentar, Senhor, o vosso amor e o vosso perdão, porque a vossa bondade não tem fim e a vossa misericórdia é maior do que o nosso coração. Por Cristo, Senhor nosso.

ADMONIÇÃO FINAL

Reunimo-nos para celebrar a fé, em comunidade, em família, congregados pelo olhar de Jesus ressuscitado que nos falou e alimentou! Como discípulos iluminados pela Sua Palavra, somos agora fortalecidos pela Bênção e enviados para sermos sinal vivo da Sua presença e da sua acção.

BÊNÇÃO E ENVIO

Bênção Solene Tempo Comum III (*Missal Romano*, p. 561).



IRMANDADE DE S. PEDRO PROMOVE ENCONTRO INTERRELIGIOSO

No âmbito da celebração dos 400 anos da Irmandade do Príncipe dos Apóstolos São Pedro, no próximo dia 25 de Janeiro, decorre pelas 21h00, na Basílica de São Pedro, Toural, um encontro interreligioso intitulado “Fé: palavrapasse”.

De acordo com os responsáveis pela organização da iniciativa, “o tema e a data escolhidos para este diálogo entre pessoas de diferentes confissões religiosas, tem como objectivo dar a conhecer

à comunidade que o entendimento e a aceitação da diferença são o caminho a trilhar na construção de uma sociedade construtora de paz, tendo como exemplo Paulo, o apóstolo da conversão”. De 18 a 25 de Janeiro, a Igreja celebra a “Semana pela Unidade dos Cristãos”, que este ano tem como fonte de inspiração a primeira Carta de Pedro. A semana inicia-se com a evocação do dia da Cátedra de São Pedro e termina com o dia em que se celebra a conversão de São Paulo.



“DO CLIQUE AO TOQUE” NA FACULDADE DE TEOLOGIA



A Universidade Católica em Braga encontra-se a promover “Do clique ao toque: o diálogo entre a vida e a fé nos dispositivos digitais”, uma iniciativa que visa “debater o papel da vida e da fé no âmbito da actualidade das novas tecnologias e dos dispositivos digitais”. O evento acontece no dia 23 de Janeiro de 2016, no Auditório São Tomás de Aquino, na Faculdade de Teologia de Braga. Os debates passam por temas como “Os dispositivos digitais na configuração do crer”, “Redes

Sociais Digitais”, “Identidades e narrativas digitais” e “A Igreja na aldeia global”. Jorge Antonio Sierra Canduela (Santiago de Compostela), Bento Oliveira (*iMissio*), Luís Silva (*ABC da Catequese*), Miguel Mendes (*Cristo Jovem*), Marcelino Paulo Ferreira (*Laboratório da Fé*), António Valério (*Passo a Rezar, Click to Pray*), Tiago Freitas (*Arquidiocese de Braga*), Paulo Rocha (*Agência Ecclesia*) e o Padre Américo Aguiar são alguns dos oradores.

AGENDA

23.01.2016

“SENHORA DO MONTE – VIAGEM ÀS ORIGENS DA SENHORA DA ABADIA”:
LANÇAMENTO DA OBRA

21h00 / Amares

25.01.2016

ENCONTRO INTERRELIGIOSO “FÉ: PALAVRA PASSE”

21h00 / Basílica de S. Pedro (GMR)

SEMANA BÍBLICA

Barcelos (Casa das Irmãs Franciscanas)

30.01.2016

RETIRO “RECEBE E OFERECE A MISERICÓRDIA”

18h30 / Faculdade de Teologia



Faça um Like

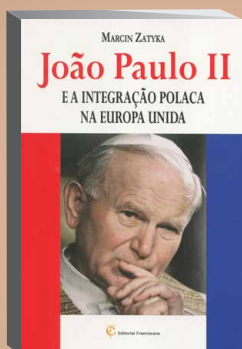


Siga-nos no **Facebook**

FICHA TÉCNICA

Director: Damião A. Gonçalves Pereira
Coordenação: Departamento Arquidiocesano da Comunicação Social (Pe. Tiago Freitas, Pe. Paulo Terroso, Ana Pinheiro, Filipa Correia, Flávia Barbosa)
Design: Romão Figueiredo
Fontes: Agência Ecclesia e Diário do Minho
Contacto: comunicacao@arquidiocese-braga.pt

LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO



MARCIN ZATYKA

JOÃO PAULO II E A INTEGRAÇÃO POLACA NA EUROPA UNIDA

A adesão da Polónia à União Europeia, passando pelo papel e perspectiva da Igreja em todo o processo, é esmiuçada em “João Paulo II e a integração polaca na Europa Unida”. A Santa Sé, liderada por João Paulo II, encarava a União Europeia como um possível campo para a evangelização, indo ao encontro do ideal de união baseada nos valores cristãos. João Paulo II apoiava a integração dos povos de Leste com os outros países do continente numa “família baseada historicamente nos valores cristãos”.

PVP
€ **8**
10%*
Desconto

* Na entrega deste cupão. Campanha válida de 21 a 28 de Janeiro de 2016.